

Cine Teatro Imperial: quando o esquecimento entra em cartaz

Miria Kelly Costa Nascimento, Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, miria.nascimento@aluno.ueg.br.

Dra. Máira Teixeira Pereira, Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, maira.pereira@ueg.br.

Fernanda Victória Alves dos Reis, Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, fvadr@aluno.ueg.br.

Paulo Eduardo Silva Moreira, Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, paulo.moreira@aluno.ueg.br.

Resumo: Este trabalho problematiza a importância do Cine Teatro Imperial (1936) para a cidade de Anápolis, bem como das outras salas de cinema de rua no processo de construção da paisagem urbana do Centro, verificando como se tornaram símbolos do ideal de modernidade ao longo do século XX. A inauguração de Goiânia como nova capital do Estado, em 1933, representou um marco histórico, no qual a arquitetura Art Déco passou a representar o progresso e o desenvolvimento promovidos pelo governo de Getúlio Vargas (1882-1954). Nesse contexto, o Cine Imperial se destacou como um ícone local de lazer, socialização e modernidade, reforçando a presença de Anápolis no projeto moderno do Estado. Para além de espaços de entretenimento, os cinemas acabaram por materializar valores, ideologias, e contribuíram para a construção da identidade urbana da cidade. O desafio atual é entender como manter essa memória viva e assegurar que as futuras gerações reconheçam e valorizem essa herança.

Palavras-chave: Cine Teatro Imperial. Salas de cinema de Rua. Anápolis. Memória.

Abstract: This paper discusses the importance of the Cine Teatro Imperial (1936) for the city of Anápolis, as well as other street cinemas in the process of constructing the urban landscape of the city center, verifying how they became symbols of the ideal of modernity throughout the 20th century. The inauguration of Goiânia as the new state capital in 1933 represented a historical milestone, in which Art Deco architecture came to represent progress and development, promoted by the government of Getúlio Vargas (1882-1954). In this context, the Cine Imperial stood out as a local icon of leisure, socialization and modernity, reinforcing the presence of Anápolis in the modern project of the state. In addition to being entertainment spaces, cinemas ended up materializing values and ideologies, and contributed to the construction of the city's urban identity. The current challenge is to understand how to keep this memory alive and ensure that future generations recognize and value this heritage.

Keywords: Cine Teatro Imperial. Street movie theaters. Anápolis. Memory.

INTRODUÇÃO

O Cine Teatro Imperial foi inaugurado em 14 de dezembro de 1936, com a apresentação do filme “Fuzileiros do ar” (Gonçalves, 2023)¹. O empreendimento era fruto da parceria entre Graciano Antônio da Silva, o Coronel Sanito, e o seu genro Jonas Ferreira Alves Duarte (1908-1993). O Coronel Sanito já havia sido intendente e prefeito nomeado de Anápolis por duas vezes. Jonas Duarte, por sua vez, era um prospero empresário, com pretensões políticas.

O edifício do cinema contribuiu com o processo de verticalização do centro da cidade. O prédio era um dos mais altos da cidade, e sua localização, em frente à praça João Pessoa, atual James Fanstone, conferia àquele edifício um destaque na paisagem urbana. O Jornal Anápolis de 27 de setembro de 1936 descreve com entusiasmo e admiração a construção desse novo cinema, que também inaugura uma nova linguagem arquitetônica.

De vários pontos da cidade, já se avista o majestoso edifício do Cine Teatro Imperial, em adiantada construção. Suas linhas retas já estão aparecendo, dando-nos ideia de um edifício moderno. De fato, Anápolis deve orgulhar-se de ter um prédio colossal e que obedece a todos os requisitos da arquitetura e higiene. (O Anápolis *apud* Ferreira, 2011, p.256)

Com a inauguração do Cine Teatro Imperial, a cidade de Anápolis contava, pela primeira vez, com duas salas de cinema funcionando ao mesmo tempo, pois o Cine Aurea estava em atividade desde 1933.

Os frequentadores se uniam em torno da magia do cinema, das apresentações cinematográficas e da possibilidade de encontrar e conhecer outras pessoas. A experiência de assistir a um filme nessas salas tinha o poder único de conectar as pessoas, de fazer com que se sentissem parte de algo maior, de uma comunidade que compartilhavam um mesmo espaço e tempo.

O cinema funcionou até 1971, quando fechou para ser reformado e adaptado às novas necessidades espaciais e tecnológicas. O Cine Imperial já era visto, naquele contexto, como velho e ultrapassado. Ele havia passado ao controle da Empresa Cinematográfica de Anápolis, de propriedade da família Roriz, que também era proprietária do Cine Teatro Santana (1951), do Cine Vera Cruz (1958) e do Cine Santa Maria (1962), e que o queria transformar em um cinema de alto padrão, mudando seu nome para Cine Roxy. O Jornal Correio do Planalto de outubro de 1975 trouxe a seguinte matéria

sobre essa mudança:

Tornou-se necessário com o crescimento da cidade atender às diversas classe sociais, principalmente a chamada classe A, que durante muitos anos solicitava um cinema a altura da cidade. (Correio do Planalto, 1975, p.15)

A última sessão do Cine Roxy ocorreu em 2006, com o filme Homem Aranha. Ele foi o último cinema de rua a fechar as portas. O prédio do cinema depois deu lugar a um restaurante, que modificou drasticamente seu espaço interno, e hoje se encontra fechado, em intenso processo de degradação.

O Cinema que já foi símbolo de modernidade é visto atualmente como símbolo de decadência, de abandono, de velho, por uma sociedade que clama pelo novo, pelo progresso, pelo eterno moderno”. (Pereria, 2004, p.2)

Com ênfase no Cine Teatro Imperial, o presente trabalho tem como objetivo analisar como os cinemas de rua contribuíram para o processo de modernização da cidade e para construção da paisagem urbana de Anápolis. Além disso, é preciso compreender como a cidade se apropriou de símbolos de progresso e de modernização, típicos do período da Era Vargas e das décadas seguintes. E, por fim, entender como se deu o processo de desativação e fechamento desse importante equipamento cultural.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

O presente trabalho adotou como referência metodológica a pesquisa qualitativa, que tem por princípio a compreensão e interpretação de fenômenos sociais. Para tanto, tivemos como foco o levantamento de dados primários (fotografia históricas, artigos de jornais de época, entrevistas com moradores/usuários dos cinemas), no intuito de construir a narrativa histórica sobre o processo de implantação, funcionamento e desativação das salas de cinema de rua em Anápolis, especificamente o Cine Teatro Imperial. Para compreender e interpretar os dados obtidos, foi realizado levantamento bibliográfico de obras que tratam de temas pertinentes, como cinema, modernidade, modernidade em Anápolis, cinema em Anápolis, memória e esquecimento. O estudo partiu da perspectiva de que os cinemas de rua, além de espaços de exibição cinematográfica, constituem importantes marcos

¹ O historiador e pesquisador Claudimir Gonçalves concedeu entrevista a Maíra T. Pereira em novembro de 2023.

simbólicos e sociais, cuja preservação exige a reinterpretação de seus significados no tempo presente.

Um dos principais procedimentos metodológicos foi o acesso ao **Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho**, o que permitiu o contato direto com documentos históricos, jornais e registros de época relacionados à dinâmica social e cultural de Anápolis durante os períodos de funcionamento da sala de cinema. As visitas ocorreram em dois momentos distintos: uma primeira etapa exploratória, realizada em 2 de outubro de 2024, e uma segunda, direcionada à coleta de dados visuais e documentais específicos, em 16 de outubro de 2024. Durante as visitas, foram utilizadas técnicas de registro fotográfico e observação participante.

Além do trabalho no museu, foram realizadas visitas *in loco* ao ponto da cidade onde originalmente funcionou o Cine Imperial, com o objetivo de observar a atual condição física do imóvel e o entorno urbano, analisando como esses espaços estão inseridos no tecido da cidade contemporânea. As visitas ocorreram no período de outubro a janeiro, em horários variados, com o propósito de registrar diferentes dinâmicas de uso e percepção do espaço.

A base teórico conceitual foi construída a partir de autores que discutem a relação entre **cinema e modernidade** como Leo Charney e Vanessa R. Schwartz (2004); **patrimônio e memória cultural** problematizados por José Reginaldo Gonçalves (2009) e Ruben George Oliven (2009); bem como produções sobre a **história urbana de Anápolis e das salas de cinema de rua**, fundamentado nos trabalhos de Haydée Jayme Ferreira (2011), Luiz Eduardo Rosa Silva e Maíra Teixeira Pereira (2023 e 2024). Também foram utilizadas fontes oficiais e documentos públicos, como o decreto municipal nº 69/2015, e registros históricos disponibilizados pelo site Estações Ferroviárias do Brasil.

RESULTADOS

Com base na análise de diferentes fontes documentais foi possível aprofundar o entendimento sobre a trajetória do Cine Teatro Imperial e sua inserção no processo de modernização urbana de Anápolis. A investigação sobre os cinemas de rua permitiu identificar o Cine Bruno como o primeiro cinema da cidade, inaugurado em 1924. Em seguida, vieram o Cine Goianás, em 1929, e o Cine Áurea, em 1933. Esses dados revelam uma crescente demanda da população urbana por espaços culturais de lazer, associados à efervescência social do período e a novidade tecnológica do cinema.

A inauguração do Cine Teatro Imperial, em 14 de dezembro de 1936, marca um novo momento na paisagem urbana de Anápolis. O edifício se destacou não apenas pela sua função cultural, mas também por sua expressiva arquitetura Art Déco, estilo em evidência naquele contexto histórico. Sua construção foi financiada por Graciano Antônio da Silva (Ferreira, 2011) e ocorreu três anos após a fundação da nova capital do estado, Goiânia. Essa coincidência cronológica reforça o vínculo simbólico do edifício com o projeto de modernização e centralização administrativa do governo federal durante a Era Vargas, cujo lema era “Progresso e modernidade” (Coelho, 2019).

Figura 1: Vista do Cine Teatro Imperial.



Fonte: Pereira, 2023, p.4.

No momento de sua inauguração, o Cine Imperial possuía três pavimentos, característica que o colocava entre os edifícios mais altos da cidade naquele período (Figura 1). Essa verticalidade conferia ao prédio uma presença marcante no tecido urbano e o consolidava como um símbolo de inovação, status e avanço tecnológico. No ano seguinte, em 1937, foi inaugurado o Hospital Evangélico, que assumiu o posto de edifício mais alto de Anápolis. Ambos estavam localizados na mesma região da cidade e tornaram-se marcos visuais significativos da paisagem urbana, contribuindo para sua reconfiguração.

A análise de fotografias históricas (Figura 1) evidenciou o uso do prédio do Cine Imperial como ponto de observação para o registro do hospital recém-construído. Esse dado reforça a relevância do edifício tanto no plano físico quanto simbólico, consolidando-o como referência espacial em uma cidade em transformação, marcada por novas ambições estéticas e funcionais.

A pesquisa bibliográfica, especialmente os estudos de Ferreira (2011) e Coelho (2019), foi essencial para situar o Cine Imperial no contexto de um movimento mais amplo de modernização urbana promovido durante a Era Vargas. Além disso, as visitas ao Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho possibilitaram o acesso a fotografias originais, registros arquitetônicos e materiais de divulgação da época, os quais foram fundamentais para compreender como o edifício era percebido socialmente e qual era seu papel simbólico na cidade.

De forma complementar, os jornais da época também se mostraram fontes relevantes, pois ofereceram não apenas notícias e imagens relacionadas ao cinema, mas também informações sobre a programação cultural, os filmes exibidos e o perfil do público. As colunas sociais e os anúncios publicitários contribuíram para reconstruir o cotidiano urbano e as práticas de consumo cultural da população anapolina nas décadas de 1930 e 1940. Por meio dessas fontes, foi possível compreender como os espaços de cinema eram apropriados como lugares de lazer, sociabilidade e pertencimento.

A combinação dessas fontes permitiu não apenas reconstruir a história do Cine Imperial como edificação, mas também interpretá-lo como parte de um projeto urbano mais amplo, voltado para a construção de uma cidade moderna, progressista e em constante transformação, um legado que ainda reverbera na paisagem urbana de Anápolis.

DISCUSSÃO

Anápolis não tem um bom histórico quando se trata de cuidar do seu passado. Sempre em busca do progresso, a cidade tende a apagar sua própria história. Um grande exemplo disso são os trilhos que cortavam a cidade.

Os dados identificados revelaram que, em 7 de setembro de 1935, a população celebrou com festa (Figura 2), na estação ferroviária Prefeito José Fernandes Valente, a chegada da primeira locomotiva.

Os anapolinos comemoraram os 113 anos de independência do Brasil com a inauguração da Estação Ferroviária, que acabou permitindo o escoamento de sua produção agrícola até o litoral paulista. A chegada da estação significou, entre outras coisas, a quebra de barreiras comerciais históricas, impostas por cidades mineiras; a expansão do mercado consumidor; a conexão mais rápida e direta com grandes centros urbanos que se tornaram referência; e, consequentemente, a chegada de novos hábitos, costumes e objetos de consumo — que já vinham

sendo influenciados por outros agentes, como o cinema. (Pereira, 2023, p. 6)

Figura 2: Festa para receber a primeira locomotiva nos trilhos em 14 de julho de 1935.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2020.

Décadas depois, em 1975, a economia da cidade prosperava graças à ferrovia, como é possível verificar nas manchetes dos jornais publicados naquele ano (Figura 3).

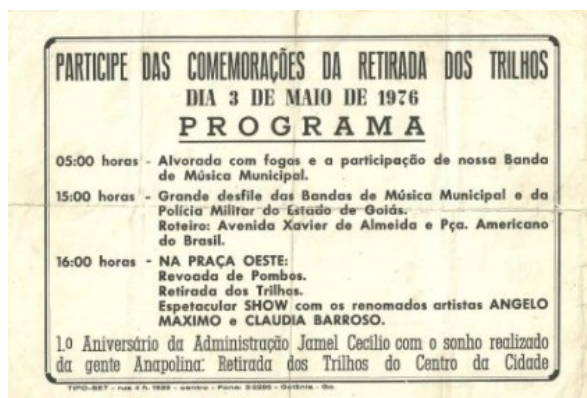
Figura 3: Notícias sobre a estrada de ferro em 1975.



Fonte: Correio do Planalto, 1975. Acervo Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, 2023.

Apesar disso, os trilhos do Centro da cidade já não faziam mais parte desse novo contexto. Os trilhos eram vistos como um problema. A imagem deles perante a cidade havia mudado, apesar de todo o desenvolvimento que trouxeram. A população já não os via mais como sinônimo de progresso e modernidade, mas sim como algo obsoleto, ultrapassado.

Figura 4: Convite para a ignorância: festa pela retirada dos trilhos da cidade em 3 de maio de 1976.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2020.

Em 3 de maio de 1976, os trilhos foram retirados. Ironicamente, a celebração (Figura 4) aconteceu exatamente no mesmo local onde, 41 anos antes, a população havia comemorado a chegada da primeira locomotiva. Pouco mais de quatro meses depois, em 9 de setembro de 1976 (Cunha, 2010, p. 77), foi inaugurado o Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA), simbolizando o início de um novo ciclo para a cidade.

Tanto a chegada, quanto a retirada da ferrovia foram marcadas por grandes celebrações populares, demonstrando uma relação cíclica e simbólica com os elementos urbanos associados ao progresso. Essa prática de festejar o início e o fim de um mesmo ciclo — no caso, o ferroviário — evidencia como a cidade atualiza constantemente sua narrativa de modernidade, ante a permanência ou o desaparecimento dos elementos físicos.

Segundo Schwart (2004), a modernidade e a cidade andam de mãos dadas, pois é nela que tudo acontece — onde pessoas e mercadorias se cruzam o tempo todo. Anápolis não fugiu à regra, e viveu todas as transformações de uma cidade moderna. Com a industrialização chegando e moldando a rotina urbana, era apenas questão de tempo até que um cinema abrisse suas portas.

[...] a chegada da luz elétrica (1924), a inauguração do telégrafo (1926), a inclusão na rota do correio aéreo (1932) e o impacto da chegada da Estrada de Ferro (1935) trouxeram a cidade para os circuitos de informação e mobilidade das grandes cidades brasileiras. Inevitavelmente, o discurso do progresso trouxe consigo o imaginário dessa vida a ser almejada, enfaticamente urbana. Este foi o ambiente propício para a difusão do cinema em Anápolis. (Silva, 2019, p. 139)

O Cine Teatro Imperial é concebido nesse contexto de mudanças e transformações. Ele não era apenas um espaço de diversão, mas também um palco para apresentações de artistas como Evita Enireb, Great Alvert e as cantoras Santinha e Deusinha (Ferreira, 2011, p. 257). Além dos espetáculos, o local chegou a ser usado para a divulgação da campanha política de Jonas Duarte, para prefeitura de Anápolis. Isso mostra como, no processo de crescimento da cidade, os cinemas não só marcaram a modernização, mas também foram aproveitados pela sociedade de diversas formas — indo muito além da exibição de filmes.

A análise da implantação dos cinemas de rua, com destaque para o Cine Imperial, permitiu observar o papel central que esses espaços desempenharam na construção de uma identidade urbana moderna. O surgimento sucessivo dos cinemas, entre as décadas de 1920 e 1930, além de atender à crescente demanda por lazer e cultura, acompanhava uma ambição estética e simbólica de aproximação aos grandes centros.

Em 1933, era inaugurada a nova capital do estado de Goiás, marcando um momento histórico em que o ideal de modernidade ganhava forma concreta no território goiano. Segundo Coelho (2019), “a Art Déco era o modelo que representava o ‘desenvolvimento’, proposto por Vargas, e o ‘progresso’, que igualaria o Brasil ao mundo civilizado da Europa e Estados Unidos.” Goiânia, portanto, nasce como o grande símbolo desse projeto moderno, numa época em que o governo estadual opta por romper com o passado, abandonando a antiga capital e dando início a uma nova era, representada por uma cidade planejada, moderna e alinhada aos valores estéticos e políticos de seu tempo. O Cine Imperial, com sua arquitetura Art Déco — inspirada na nova capital — e seus três pavimentos, destacava-se como um dos prédios mais altos do período, tornando-se um ícone da modernização em Anápolis.

No ano seguinte, em 1937, foi inaugurado o Hospital Evangélico (Figura 5), que assumiu o posto de edificação mais alta de Anápolis. As duas construções localizavam-se na mesma região da cidade, em frente à Praça João Pessoa, atual Praça James Fanstone, e consolidaram-se como marcos visuais significativos da paisagem urbana local. Nesse espaço central, destaca-se também o coreto, originalmente construído em 2 de agosto de 1926, segundo o Livro de Tombos da cidade de Anápolis. Em 1940, o antigo coreto demolido para dar lugar a um novo, que seria alinhado a nova estética do

progresso e modernidade, que naquele momento, era o Art Déco.

Figura 5: Cine-Imperial já como Roxy à direita, praça João Pessoa a esquerda e mais ao fundo o Hospital Evangélico.



Fonte: Acervo Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, 2023.

Pode-se afirmar que o objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que os dados levantados permitiram identificar e analisar os elementos simbólicos urbanos que, em Anápolis, expressaram os ideais de modernidade. A hipótese de que esses elementos serviriam como materialização de valores modernos — progresso e desenvolvimento — foi confirmada, especialmente ao observar o protagonismo do Cine Imperial na paisagem urbana e nos registros fotográficos da época.

CONCLUSÕES

É importante destacar que o Cine Imperial, apesar de sua relevância histórica, simbólica e arquitetônica para a cidade de Anápolis, ainda não possui o tombamento como patrimônio. Essa falta de proteção oficial nos deixa preocupados com seu futuro, especialmente considerando o histórico local de desvalorização do passado em nome do progresso. Entretanto, é fundamental entender que desenvolvimento não precisa significar o apagamento da história. Pelo contrário: para avançarmos de forma consciente e respeitosa com nossa identidade, devemos olhar para nossas raízes e compreender de onde viemos. A partir disso, podemos construir caminhos mais sólidos. O tombamento é um instrumento essencial nesse processo, pois reconhece oficialmente o valor cultural de um bem e possibilita a adoção de medidas para sua preservação e requalificação. Dessa forma, o Cine Imperial pode ser protegido da deterioração e do abandono, além de ganhar novos usos que dialoguem com a cidade atual e fortaleçam o sentimento de pertencimento da comunidade. Como destaca Sousa (2010), patrimônio é

uma herança – e herança precisa ser cuidada, preservada e transmitida. Preservar o Cine Imperial é, portanto, um ato que valoriza nossa memória, e um gesto que olha para o futuro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, à UEG pela oportunidade de participar do programa VCI/UEG, à professora Dra. Maíra Teixeira Pereira pelo seu apoio, orientação e dedicação.

REFERÊNCIAS

ANÁPOLIS (Município). Ementa (2015). **Decreto de protocolo nº 69, de 27 de abril de 2015**. Alterar o nome da Rua Presidente Kennedy, localizada no Bairro Jundiá, passando para Deputado Federal Haroldo Duarte e dá outras providências. Ementa. Anápolis, GOIÁS. 2015.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O Cinema e a invenção da vida moderna**. 2. ed. Anápolis: Cosac & Naify, 2004. 567 p.

COELHO, Gustavo Neiva. **A estética do poder e da modernidade: arquitetura Art Déco em Goiânia**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2019. 170 p. Revisão de: Cynthia Alves Castro.

CUNHA, Wânia Chagas Faria. **Contexto socioeconômico de Goiás na década de 1970 e a adoção da política de industrialização via distritos industriais.** Boletim Goiano de Geografia, v. 30, n. 1, p. 69-92, 2010. DA LUZ, Janes Socorro. A inserção de Anápolis/GO no contexto da dinâmica regional. 2010.

Estações Ferroviárias do Brasil (Anápolis). ANÁPOLIS, Município de Anápolis, GO. 2020. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efgoiaz/anapolis.htm>. Acesso em: 13 mar. 2025.

CHARNEY, L; SCHWARTZ, V.R. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis: sua vida, seu povo.** 2ª Edição. Goiânia: Kelps, 2011.

GONÇALVES, Claudiomir. Entrevista sobre a história das salas de cinema de Anápolis. Concedida a Maíra Teixeira Pereira. Anápolis, novembro de 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo S. O patrimônio como categoria de pensamento. In ABREU, Regina; CHAGAS,

Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10. ed. Editora: Edições Loyola. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Cowley Road, Oxford, 2001. 349 p.

Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho. Arquivo, Anápolis, acesso em novembro de 2024.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 80-82.

PEREIRA, Maíra Teixeira. **Projeto de pesquisa: A modernidade em cena: as salas de cinema de rua em Anápolis**, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023. 17 p.

____, Maíra Teixeira; RODRIGUES, Elisa Carlos. **Arquiteturas Fantasmáticas**. Pensando o Projeto, Pensando a Cidade: Territórios Insurgentes, Goiânia, 2024.

SILVA, Luiz Eduardo Rosa. **A conquista dos olhares: história das salas de cinema de rua em Anápolis (1924-1960)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, universidade Estadual de Goiás, 2019.

____, Luiz Eduardo Rosa. CINE IMPERIAL (1936): tendências globais da sala de cinema em um cineteatro no cerrado brasileiro. In: ANAIS – IX Colóquio de História e Imagens, 9., 2019, Goiânia. **Anais IX Colóquio de História e Imagens** Gehim Arte no Centro Oeste. Goiânia: Gehim, 2019. p. 131-143.

SOUSA, Márcia Cristina da Silva. Ser ou não ser: a memória dos cinemas de rua como patrimônio

Cultural do Rio de Janeiro. **XIV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro, p. 1-9, 2010.



EEPEX 2025

Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão do Campus Central

21 | 22 de maio

Campus Central
de Ciências Exatas e Tecnológicas



Universidade

Estadual de Goiás